

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Pedro Bruno



Pedro Bruno

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

O pintor Pedro Bruno está intimamente ligado a Paquetá, onde nasceu, onde os primeiros tempos da sua meninice decorreram, onde a sua juventude despontou e desabrochou na esplendida maturidade de hoje, que empresta ao seu espirito uma serena vitalidade de homem forrado para os embates da vida. Cultivando todas as facetas da sua intelligencia, aprimorando o seu character, retemperando-se na lucta de todos os dias, para vencer a indifferença creada e robustecida pelas difficuldades do meio, Pedro Bruno fez-se em pouco tempo um artista victorioso. E' hoje, em Paquetá, como que o filho dilecto e mimado, recebendo o cumprimento amavel de todos, sendo pela totalidade distinguido, homenageado, querido, sentimentos que elle retribue, querendo um bem immenso áquelle pedaço de terra, interessando-se pelos seus habitantes, dispensando ao asseio da ilha carinhos especiaes, plantando-lhe arvores nas ruas, ensinando as creanças a estimal-as e respeit-al-as, fundando, por iniciativa propria, viveiros de plantas para renovação constante da arborização, tudo com extremos de amor e de bondade, que só um coração de artista é capaz de conceber. Esse amavel pintor sente vivo affecto por esse pedaço pittoresco da Guanabara, que o leva a dizer, quando lhe perguntamos onde fica o seu "atelier":

— E' aqui, em qualquer parte da ilha, em toda Paquetá.

Impressionado, assim, pela ilha verde onde a rubra flôr da Paixão se abre, a cada passo, em copas frondosas de um colorido magistral, o Sr. Pedro Bruno, tinha que ser, fatalmente, o que o meio ambiente determinou que elle fosse: um impressionista, um colorista forte, onde se sente pulsar com vibração a natureza, no que ella tem de mais bello, de mais encantador, nas nuances das suas paixões, nos seus pôres-de-sol maravilhosos, nas suas estradas typicas, estreitas e bem tratadas, no seu littoral irregular e formoso, na desigualdade da sua topographia recoberta de monticulos, que não chegam a ser collinas e já não são planicies, no ondular calmo das suas aguas feitas mais para a contemplação vergiliana de corpos nus, de nymphas condescendentes, que transigissem em descer a confabular com os homens, numa pagina doce de ecloga ou num quadro delicado de Fragonard.

O Sr. Pedro Bruno é assim mais do que qualquer outro dos nossos artistas, um artista que soffreu e soffrerá a influencia da gleba, do pequeno lugar em que a sua alma se formou; um daquelles privilegiados para quem a patria não é sómente o conjuncto de terras, ligadas pela mesma lingua, pela mesma religião, pelos mesmos laços politicos, mas, sim, a região onde primeiro os

seus olhos se embeberam de poesia e de emoção, onde os seus sentidos comprehendem a vida na manifestação do seu sol; na poesia das suas arvores; no colorido das suas folhas; no murmurio das suas aguas; em todo esse delicado conjuncto de pequenas coisas a que os nossos olhos se habituam, na infancia, como unico horizonte visual, limite do mundo, fóra do qual não ha nada que a nossa intelligencia ou a nossa imaginativa descubra.

Esse ambiente fez surgir o artista no Sr. Pedro Bruno e elle o será sempre, encantador, na delicadeza da sua technica, cheia de nuances. O verde da nossa terra apparece nos seus quadros em tonalidades tão suaves, que só um homem profundamente impregnado do sentimento das nossas coisas poderia conseguil-o. Sabendo pintar a paysagem, Pedro Bruno é um figurista delicado, cheio de concepções, de imaginativa ardente, dentro da qual produz quadros de grande e elevada espiritualidade, como Maternidade, Anunciação, Romantica, tantos outros em que a composição anda a par de uma imaginativa fresca e saudavel, servida por um talento pictural dos mais fortes da moderna geração brasileira.

EVOLUÇÃO E TENDENCIA PARA FORMAÇÃO DE UMA ARTE BRASILEIRA

E' o pintor que fala:

— Sinto que a arte brasileira está muito longe de formar-se e isto, segundo meu ponto de vista pessoal, por culpa inicial dos nossos grandes pintores, os nossos afamados mestres Victor Meirelles e Pedro Americo. Esses fortes artistas deviam ter lançado as bases da nossa pintura, que não pôde ser a mesma de inspiração classica ou néo-romantica e sim o modernismo, o ar livre, a technica impressionista que melhor se enquadra nos cambiantes da nossa natureza e, entretanto, por circumstancias que não cabe aqui analysar, não o fizeram, agiram, mesmo, de maneira contraria, praticando uma escola que começava, francamente, a ser combatida nessa época. Póde dizer-se que Victor Meirelles e Pedro Americo não se aperceberam do modernismo, apesar desse genero de pintura já ser conhecido amplamente em França e começar a divulgar-se na propria Italia, quando os dois grandes brasileiros viviam. Pedro Americo, sobretudo, não teve visão para descortinar a orientação que os pintores do nosso tempo seguiram e isto talvez pela circumstancia de que, tendo sido um formidavel desenhista, não foi nunca um grande colorista e, por essa razão, seguramente, escapou á influencia da côr que, em seu tempo, já estava perfeitamente definida, sobretudo em Paris. Não se diga que o artista vivia na Italia, longe do meio onde as novas tendencias surgiam, por isso que, muito a meude, Pedro Americo viajava a França, sendo Paris um dos fortes encantos da sua vida. Em 1874 Pedro Americo era pintor afamado e já Monet expunha em Paris a sua famosa Ponte de Londres, sobre o Tamisa, onde o artista, querendo dar a representação exacta daquella névoa typica que envolve a cidade londrina, empregou, pela primeira vez, em nosso tempo, pinceladas curtas, accumulando as tintas e conseguindo dar uma impressão perfeita e genial da névoa luminosa de Londres. Era uma revelação o novo processo em pintura e o proprio artista o sentiu tanto que, regressando

a Paris, expoz, tímido e indeciso, o seu trabalho, para ouvir a opinião dos entendidos, logrando um successo que elle proprio jámais calculara e que serviu de base e estímulo á chamada pintura moderna. Já Delacroix, Corbeux, Manet, pintavam fortes telas dentro dos processos da technica moderna, e os nossos dois grandes pintores insistiam no genero classico que, ainda em 1894, fazia Victor Meirelles pintar o Cosmorama, em pleno largo do Paço, dentro de moldes severos de uma escola que tudo estava a dizer não podia ser a nossa, por não expressar o nosso sentimento, a nossa luz, a nossa côr.

VISÃO DA ARTE MODERNA

— Para falar, porém, de modernismo, em pintura, é preciso recuar muito se quizermos definir, com certa precisão, os prodromos da Escola moderna, espalhados, firmados no mundo. Sim, vamos deparar indícios accentuados de modernismo em pintores seiscentistas e septecentistas, como Tiepolo, Guardis, Fattori, Morelli, fortes mestres italianos, cheios de traços e côres, que formaram, mais tarde, depois do grande avanço dado por Mille, em 1835, o chimico notavel, que decompôz as tintas, a chamada escola moderna da Italia, a qual, de avanço em avanço, chegava, poucos annos depois, com Cézanne, ao impressionismo triumphante, dos quadros francezes actuaes. Pois bem. Todo esse movimento é contemporaneo dos nossos dois grandes mestres e elles não tiveram olhos para ver, não se impressionaram, não sentiram o forte rumor de trabalho que se produzia em seu tempo, concommittantemente com a sua obra de perfil e detalhes inteiramente classicos.

Antes delles, sim, nada era possivel fazer-se no Brasil. Positivamente não tinhamos nenhuma manifestação de arte; ensaiavam-se meras tentativas, de resultados mais ou menos precarios. Os artistas que vieram sob a protecção de D. João VI, não foram, não podiam ser bons artistas. Homens que viveram largos annos no Brasil, aqui nada fizeram, nada pintaram, nada crearam. Não é possivel desculpal-os por serem emigrados politicos, por isso que, tendo vivido muito tempo, em nossa terra e com o nosso povo, alguns aqui deixando familia, que se incorporou á nacionalidade, jámais tiveram um momento de inspiração, um momento de felicidade, dentro do qual pintassem um quadro, que fosse, para lhes recordar o nome e justificar a fama, perante a posteridade. Ora, por especialissimas que fossem as condições em que esses pintores aqui viveram, não era possivel que, depois de uma longa vida, não houvessem deixado, ao menos, uma tela se entre elles existissem, de facto, authenticos artistas. Entretanto, o que sabemos é que nada deixaram, nada fizeram, em pintura, em estatuaria, em architectura, em gravura, em artes applicadas. Muito embora se apresentassem com titulos que incidiam sobre cada uma destas especialidades, nada produziram que pudesse servir de partida para a ainda hoje incipiente arte nacional.

Ainda agora, fala-se muito de arte moderna, no Brasil, sem uma directrix definida. A verdade, todavia, é que nos falta, ainda, a perfeita harmonia, que occorre entre a materia, côr, e a espiritualidade, emoção. Nosso ideal, em arte, resente-se de materialismo, sem surtos nem elevação. Devemo-nos lem-

brar de que arte não é saber fazer cópia fiel do que se vê, com volumosos metros de tinta, largueza de pinceladas. Arte é muito mais do que isto. Pintar uma cabeça, um interior com reflexos, uma paisagem cheia de sol, denota apenas habilidade, não capacidade creadora.

No Brasil, nós somos mais pintores que artistas. E' raro, em nossos "salons" annuaes, ver-se um quadro de composição. Por que? Naturalmente, porque nos é muito mais facil pintar um retrato ou uma paisagem e isto fazemos sem perceber que cada vez mais nos separamos da arte, na sua alta expressão. Pintar um retrato já composto com a paisagem integralizada no ambiente não é difficil, desde que o pintor tenha perspicacia de psychologo ao par de technica segura; mas, executar o infinito, o que se não vê, mas se sente, dar vida ao inexistente, crear um facto, dar á criação sangue, vida, acção, poesia, é dar á arte a verdadeira significação, encarnando-a na belleza da vida. Ha muita differença entre um pintor e um artista. Executar uma bella obra onde não exista faculdade creadora, é revelar qualidades seguras de pintor, mas arrancar de si mesmo a revelação de uma obra de arte, trazendo-a até nós, é ser artista. E' essa acuidade divina que nos falta ainda, não porque não a tenhamos, mas porque não a cultivamos, compondo assumptos dentro do nosso meio ambiente. Urge que nos libertemos de pintar só retratos e paisagens e comecemos a nos interessar pelas composições, onde a nossa terra offerece aureo filão para explorar, com os seus costumes typicos e expressões de vida encantadora.

E' nosso dever fazer arte brasileira e só interpretando os seus aspectos, dentro da nossa luz e do nosso temperamento, é que a podemos crear.

IMPRESSIONISMO SOBRE A ESCOLA PICTURAL DESTE NOME

Fala o Sr. Pedro Bruno:

— Deblatera-se muito sobre impressionismo, no Brasil; nem todos, porém, conhecem-lhe as origens. O impressionismo não é só francez, como muitos pensam, porque diversos artistas italianos, antes mesmo de se tornar conhecida a escola, já o tentavam com exito. Francisco Guardi, nascido em principios do seculo XVIII, ahí por 1712, muito contribuiu para a arte moderna. Tive occasião de ver alguns quadros deste pintor veneziano e confesso que fiquei surpreso em ver como Guardi jogava com as massas luminosas. Observei mais tarde, que Manet aproveitava, para a distribuição das massas de povo, em conjuncto, os mesmos methodos do pintor de Veneza. Teriam, por ventura, Manet e Monet, e ainda outros pintores francezes, se deixado influenciar pela pintura de Guardi? Mas não é só com este mestre italiano que a pintura moderna desponta. Nos quadros de Tiepolo, pintor do mesmo seculo, fiquei extasiado com a bravura de technica, com o pincelar largo, pastoso, espontaneo, com a composição e equilibrio das massas, qualidades que lhe asseguram um dos primeiros logares, entre os grandes decoradores do tempo. E tenho-o como forte precursor da arte moderna. Elle é muito mais do nosso tempo

que o proprio Velasquez, muito embora a fama e o prestigio logrados pelo nome deste.

Como vê, rematou, tudo que é novo vem melancolicamente do passado...

BREVE EXCURSÃO PELA ARTE ANTIGA

— Dentre os representantes da arte antiga quaes os mais fortes pintores?

— Caravaggio, do seculo XVII, a meu ver, é o maior pintor da sua época; superior, mesmo, a Raphael. Apenas não pôde apparecer e brilhar tanto como este. Possuido de uma indole rixenta, viu-se envolvido num processo de assassinio, percorrendo toda a Italia, foragido da justiça, numa ansiedade que lhe não permittia dar do seu genio tudo quanto era possivel esperar. Caravaggio tanto é o mais forte pintor do seu tempo, que exerceu forte influencia sobre os artistas dos seculos mediatos, XVII e XVIII. Velasquez reflecte muita impressão deste mestre e o proprio Tiepolo não disfarça sensiveis modalismos do grande artista, no colorido attenuado e no claro-escuro. A Conversão de São Pedro e a Morte de Nossa Senhora são duas obras primas guardadas, avaramente, nas salas dos museus de França.

Mas para que falar da arte antiga, já tão divulgada, tão conhecida, analysada?

Voltemo-nos, antes, para os modernos, para os predecessores do impressionismo, seja na França, na Italia, ou mais modernamente, no Brasil, onde a escola chegou e venceu! Venceu já? Talvez não; mas vencerá.

A PINTURA COMO SYNTHESE DO SEU TEMPO

A arte não pôde continuar enfaixada nos velhos moldes em que os gregos ou os romanos pintavam, ha mais de quarenta seculos, moldes ora melhorados, ora renovados, em suas linhas geraes, pelos mestres da Renascença.

Temos de pintar de accordo com o caracter da nossa civilização e estamos, neste momento, em uma perfeita phase de transição.

A chamada escola moderna, que se manifestou, simultaneamente, em França, Inglaterra, Italia, com Delacroix, Corbeux, Turner, Constable, Manet, Monet, Giovannini, Seguantini, este creador do divisionismo italiano, foi introduzida, no Brasil, por Henrique Bernardelli, com Os Bandeirantes, Messalina, Tarantella e tantas outras obras primas. Tambem o foi por Almeida Junior e Visconti, nesta sua ultima phase. E exactamente, nesse momento, a arte brasileira, assim tocada de novas tintas, revelou-se-nos na sua actual maneira de interpretar o ar livre, o ambiente, de traçar a figura proporcionada no conjunto harmonioso das suas grandes linhas.

A pintura brasileira está numa phase delicada de formação, recebendo factores que poderão ser decisivos, na sua composição, mas que ainda estão

sendo observados, tentados, pela geração de artistas a que me orgulho de pertencer.

Para completar essa obra, nós, artistas brasileiros, precisamos ver muito, olhar, examinar, comparar o que, antes de nós, outros com melhor technica e mais talento, talvez, já o fizeram.

Para isso só temos o recurso da viagem mas, infelizmente, no Brasil, só nos preocupamos com a arte franceza, que é grande, realmente, mas não dispensa o conhecimento, por exemplo, da moderna arte italiana, onde ha poderosos mestres que muito podem ensinar. Actualmente, são fortes pintores modernos, na Italia, Spadino, Carena, Alciati, Gaudenzi, Ettore Titto, Sartorio, considerados dos maiores decoradores da península.

Todos esses grandes nomes offerecem uma contribuição muito perfeita de observações á nossa arte incipiente e, entretanto, são mais ou menos desconhecidos, porque os nossos pintores dedicam-se quasi exclusivamente aos mestres francezes, no mesmo devotamento que se observa, em litteratura, pelo leite das lettras francezas, que andamos a beber desde os passos incipientes da infancia. Nós temos ficado, infelizmente, indifferentes a outros meios artisticos, como a Italia e a Hespanha, sem observar o que se tem feito de admiravel nesses paizes.

Não fosse, talvez, Henrique Bernardelli, e nenhum conhecimento teriamos desses grandes mestres de Italia. Felizmente, porém, para a nossa arte, a technica farta, espontanea, cujo pincelar é um milagre de concisão, de Henrique Bernardelli, salva em grande parte a nossa probidade pictural, revelando-nos os lampejos dessa escola magnifica que ha de sobrenadar ás campanhas e paixões desencadeadas sobre ella.

A FUNÇÃO DA CRITICA

Julgo a critica necessaria, mas só a comprehendendo praticada pelos processos de Maclair e Baudelaire, em França, de Marangoni, de Venturi, de Ugo Detti, na Italia, isto é, a critica que não se limita a censurar, a dizer que esta ou aquella parte do trabalho não agrada, está errada, e sim demonstra onde está o erro e porque está errado, corrigindo, ensinando, verdadeiramente, o artista que honestamente errou.

No Brasil a critica ainda é feita de maneira muito differente e prejudicial ao artista. Diz-se, geralmente, que este ou aquelle detalhe de um quadro está errado, sem se analysar em que consiste o erro, concorrendo-se, muitas vezes, para a formação de uma opinião falsa sobre o pintor, creada por defficiencia ou maldade do critico.

Ora, de uma obra desta natureza, só pôde resultar o prejuizo para o publico e para o artista, sem vantagem de especie alguma para ninguem, por isso que o artista, se errou inconscientemente, permanecerá em erro e o publico ficará sem saber corrigir o defeito do quadro.

A critica necessita ser exercida com uma grande competencia technica, probidade profissional, independencia de opinião, abundancia de detalhes, para que possa finalmente tornar-se obra de utilidade e valia para o artista e para o publico.

Fóra desses moldes largos, torna-se prejudicial e damninha, perde a sua gravidade de funcção séria, para se transformar em obra de maledicencia, esteril e nulla, no ponto de vista artistico-social.

UM POUCO DO ARTISTA NA INTIMIDADE

E a sua arte, propriamente, meu caro pintor?

— Comecei a pintar ha poucos annos, depois de ser cantor, tendo feito minha educação de canto em cinco annos de Europa, passados na Italia, com bons mestres daquelle tempo. De regresso ao Brasil, isto é, á minha Paquetá, estando aqui de passagem o pintor italiano Eschettino, comecei a pintar, utilizando delle algumas lições, um ou outro conselho. Sinto que quem me fez pintor foi Paquetá. Com a minha caixa de tintas sob o braço, procurei reproduzir todo esse delicado e ameno littoral, enchendo-me, pouco a pouco, de paixão pela arte.

A' proporção que trabalhava, concorria ao salão, de onde só me afastei, por motivo de força maior, em 1925. Obtive sempre premios, coisa curiosa, logrei o premio de viagem depois de ter a grande medalha de prata que me foi conferida em 1913. Desde 1916 comecei a pleitear o premio de viagem, mas fui accusado de já ter estudado pintura na Europa e por isso tive de ver retardada essa minha aspiração, até que mandei buscar documentos á Italia, que comprovassem os meus desmentidos. Finalmente, em 1919 logrei o premio cobiçado, partindo em 1920 para a Italia, onde passei os dois annos da premiação. Em Roma, frequentei a British Academy of Arts, a qual me conferiu, ao retirar-me, o seguinte documento, honroso para um artista brasileiro:

“Si attesta che il signor Pietro Bruno, nativo della Rep. del Brasile, artista pittore, ha frequentato assiduamente questa academia durante gli anni 1920-1921 e 1922.

Durante il periodo suddetto egli ha lavorato con intensità e valentia, sempre progredendo a grandi passo nella via dell'arte. In vista del suo valore unito a grande serietà di propositi gli fu affidata, nell'anno accademico 1921-1922 la direzione della classe generale del nudo; compito a cui egli ha adempito con maestria e con viva soddisfazione tanto del sottoscritto, che degli allievi.

Tutto ciòge ha valso una estenza e simpatica popolarità di cui egli meritatamente gode nell'ambiente artistico di questa capitale.

Roma, 1, aprile, 1922 — Il direttore, Ant. Sciortino.’

De regresso da Europa, continuei a trabalhar, sendo agora distinguido pelo jury de Bellas Artes, que me conferiu a grande medalha de ouro. Tenho feito varias exposições aqui, em S. Paulo, e uma, ha poucos mezes, com grande successo, em Pernambuco. Deixei lá quasi todos os trabalhos que levei

e ainda trouxe varias encommendas, em paysagens e retratos, que já executei e remetti aos seus donos.

Estou, assim, perfeitamente satisfeito com a minha arte e só desejo trabalhar muito, trabalhar cada vez mais, não por ambição ou egoismo pessoal, mas para ver se posso deixar alguma coisa ao meu paiz, no interesse da arte que abracei.